

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de S. Paulo Class.: BTCR0011

Data: 26/12/93 Pg.: 6-15

Brasil tropeça na biodiversidade

Deixando de ratificar convenção internacional, país perde dinheiro e fica para trás na Revolução Genética



Divulgação

A Amazônia é região brasileira com rica biodiversidade...

Antônio Carlos Mafalda - 30.out.85/Folha Imagem



...que é explorada mal e com baixa taxa de produtividade

MARCELO LEITE

Da Reportagem Local

Quase que no anonimato, entra em vigor nesta quarta-feira a Convenção sobre Biodiversidade, uma das vedetes da Eco-92.

Em junho de 1992, no Rio, 157 países assinaram o tratado que disciplina a exploração da principal riqueza natural do século 21 —entre eles o Brasil, o primeiro a fazê-lo. A mesma presteza não se verificou na hora de ratificar o documento: o país, mesmo guardando em seu território estimados 20% a 30% das espécies do planeta, não figura entre as nações cujos Paramentos acataram a convenção como lei própria.

Trinta era o número mínimo de ratificações necessárias para a convenção passar a valer como lei internacional. Foi alcançado em 30 de setembro, com a Mongólia, quando começou a contar o prazo de 90 dias que se encerra na quarta-feira. Ficando de fora, o Brasil não só perde dinheiro como também anuncia ao mundo seu descaso com um tema em que é tido como maior interessado.

Não se trata de apenas mais uma chatice de diplomatas e ambientalistas. O que está em jogo é o papel de cada país no campo da biotecnologia, centro de gravidade do que se apelidou de Revolução Genética na agricultura. Para quem acha que é futurologia, um exemplo: está para chegar ao mercado dos EUA o Flavr Savr, tomate alterado geneticamente para amadurecer sem amolecer.

Desmoralização

A ratificação da convenção não dá, é claro, acesso instantâneo a essas maravilhas. Mas pode facilitar, pois consagra o direito à compensação para nações que conservem patrimônio genético significativo, como o Brasil.

Essa contrapartida, prevê o tratado inovador, será feita com

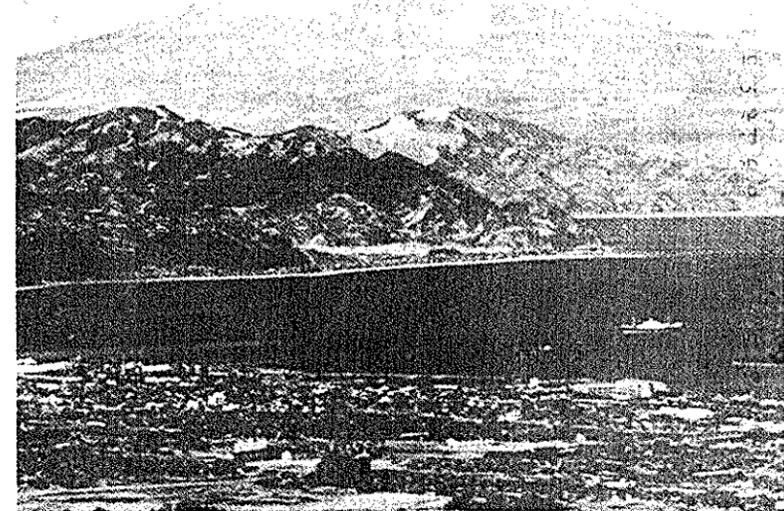
transferência de tecnologia. Ninguém sabe ainda como se dará esse toma-lá-dá-cá (genes x tecnologia), mas por certo implicará financiamento de programas de capacitação, chance ímpar para a combatida pesquisa nacional.

“É uma vergonha, uma desmoralização”, diz o deputado federal Fábio Feldmann (PSDB-SP), relator da matéria na Câmara dos Deputados (a convenção já foi aprovada nas comissões temáticas, mas não recebeu urgência para ir ao plenário; depois, terá de passar pelo Senado). “Estamos nos isolando dessas tendências internacionais e perdendo muito dinheiro”, afirma Pedro Mota, da Divisão de Ambiente do Itamaraty.

Mesmo entrando em vigor, há uma longa e conflituosa negociação à vista, sobre os protocolos que detalharão como a convenção será posta em prática. A questão é explosiva, porque envolve o direito de propriedade intelectual (patentes). Só recentemente os EUA aceitaram assinar a convenção, e mesmo assim acrescentando textos em defesa de suas empresas de bioengenharia.

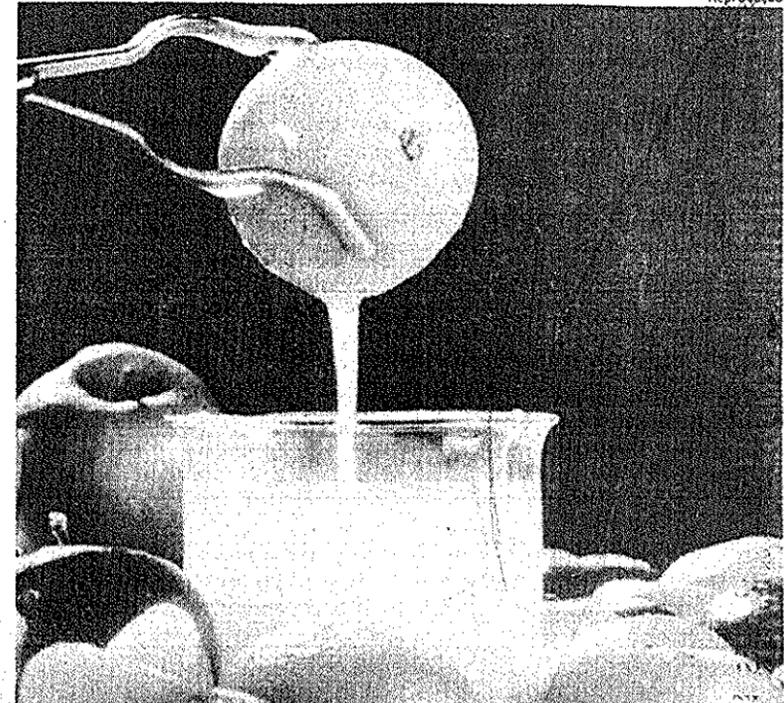
O conflito de interesses ocorre entre os que investem pesado em biotecnologia (BUA: US\$ 6 bilhões, até hoje) e os que mais precisariam fazê-lo, como o Brasil (US\$ 100 milhões), para melhorar o rendimento da agricultura.

Em outubro de 1992, a empresa Agroctus conseguiu nos EUA uma espécie de patente preventiva para todas as variedades geneticamente alteradas de algodão —mercado mundial: US\$ 20 bilhões anuais—, não importa que técnica tenha sido ou venha a ser usada para obtê-la. É no âmbito da Convenção sobre Biodiversidade que esse tipo de exagero será debatido e disciplinado. O Brasil vai estar lá, por ser signatário, mas na condição de homenageado que chegou tarde para a festa.



Países como o Japão, mesmo com pouca biodiversidade...

Reprodução



Reprodução

...investem em pesquisas e mantêm a liderança no setor